

Augusto Martins e Marcel Powell atualizam sambas clássicos de Zé Kéti

Em "Violão, voz e Zé Keti", Augusto recria parte da obra do compositor como Nega Dina, Opinião, Ancender as velas e Malvadeza Durão

Notícia

Vídeo

Gabriel de Sá

Publicação: 02/12/2013 08:28 Atualização: 02/12/2013 08:46



A dupla já prestou homenagem ao poeta Vinicius de Moraes

Na casa da Tijuca, bairro do Rio de Janeiro, o rádio tocava um pouco de tudo, do samba tipicamente carioca ao jazz de Ella Fitzgerald. Algumas composições de Zé Keti, como *Diz que fui por aí* e *A voz do morro*, ficaram na cabeça do então garoto Augusto Martins. Anos mais tarde, precisamente em meados da década de 1990, o agora cantor Augusto, em início de carreira, teria a honra de dividir o palco com Kéti. “Foi um domingo, em uma boate de Copacabana, um dia pós-praia”, relembra o artista. “A música que me lembro de termos cantado com certeza foi *Máscara negra*.” Zé Kéti morreria em 1999, aos 78 anos.

Leia mais notícias em [Diversão & Arte](#)

A relação entre Augusto Martins e o icônico sambista ganha um novo capítulo agora, com o lançamento de *Violão, voz e Zé Keti*, em que o cantor recria, ao lado do amigo e violonista

Marcel Powell, parte da obra do artista. Canções-símbolo de Kéti não foram deixadas de lado, como *Nega Dina*, *Opinião*, *Acender as velas* e *Malvadeza Durão*. Mas a dupla decidiu incluir, ainda, uma parte menos conhecida do legado do carioca. É o caso de *Tamborim*, *Madrugada* e *Amor passageiro*.

O projeto, contudo, é encarado por Martins mais como um tributo do que propriamente um resgate. “Acredito que a obra dele ainda é muito presente, pelo menos três canções dele são superconhecidas. No Rio, eu vejo bastante. E sei que por aí, nas rodas de samba, ele é também sempre reverenciado”, observa o cantor. “Mas ele é um cara pouco gravado. Nesse sentido, o disco é importante, pois traz a obra dele para o presente.”